

**UM DEUS ASSASSINO DE SI MESMO - ARS
BELLICORUM DE ENRIQUE ANDRADE****Vinicius Gomes Pascoal¹**

Entrevista com Enrique Andrade², realizada por Vinicius Gomes Pascoal (VGP) em 09 de dezembro de 2019, na estação portuária. O silêncio laboral das segundas-feiras que ambientam os *boulevards* do Recife, outrora holandês-português, segue a velha premissa que o sol nasce para todos, mas a sombra custa herdar. Numa cidade onde ainda desconhecíamos as arboviroses, o entrevistador tentou revisitar as memórias e as origens de um artista que potencializa um fazer rizomático entre vida, política e arte.

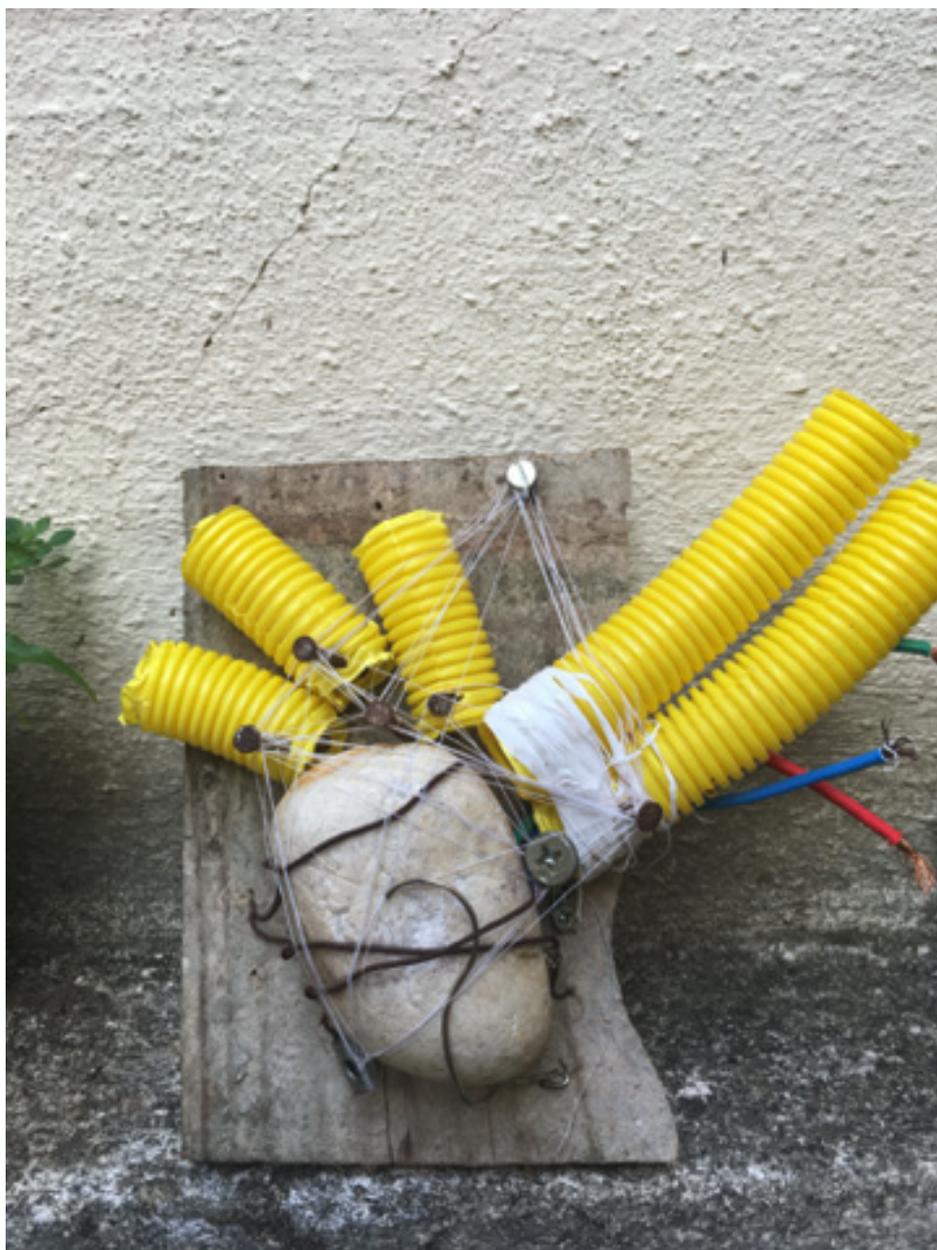
Enrique Andrade é de Camaragibe, cidade pernambucana com a sexta maior população da região metropolitana do Recife. Em tupi guarani “*caa*” significa planta e “*mbaraá*» significa enfermidade. Camaragibe significa rio dos camarás, o rio das camará-de-cheiro, da cambará-miúdo, do cambará-verdadeiro e do cambará-vermelho, um arbusto *Eukaryota Plantae Magnoliophyta Magnoliopsidia Lamiales Verbenacea Lantana*. As flores da camará são aromáticas e altamente tóxicas e sua ingestão é capaz de matar bovinos e suínos. Desde junho de 2019 a cidade de Camaragibe encontra-se privada de seu prefeito, Meira, que é investigado por crimes de lavagem de dinheiro, desvio de bens e rendas públicas, fraudes a licitações, organização criminosa, peculato, além de ter convocado funcionários da esfera pública para participação compulsória no show de sua noiva.

622

1 Professor e tradutor. Mestre e especialista em literatura e língua inglesa, pesquisou como a intersemiose foi utilizada no romance *a* (1968) do artista Andy Warhol. Foi parecerista da Sulake (Finlândia-Brasil) e do Funcultura (PE). É docente na UFRPE, YDUQS, e FAFIRE. Email: niciusmatrix@gmail.com

2 Enrique Andrade nasceu em 1997, multiartista tece seu trabalho como parte inerente e indissociável do seu existir. Sua trajetória profissional aberta ao público se dá com sua exposição “Além do Falo” (2016). Artista visual contemporâneo, poeta, professor de História, livreiro e produtor cultural. Desenvolve atividades no Ateliê Casa 97 (@ateliēcasa97) e integra o coletivo Artepública. Suas principais linhas de atuação são no campo da performance, instalação, arte objeto, pintura, modelagem e poesia.

Figura 1: Coração Humano II



Fonte: Enrique Andrade, Camaragibe, 2018, técnica mista.

Figura 2: Senhor do Bonfim



Fonte: Enrique Andrade, Camaragibe, 2018, técnica mista.

Figura 3: Liberdade de expressão



625

Fonte: Enrique Andrade, Camaragibe, 2018, técnica mista.

VGP: Os trabalhos em tapeçaria de sua avó e os desenhos e pinturas produzidas por seu irmão foram elementos de inspiração estética na sua *poiesis*? Quando você encontrou uma linguagem particularmente sua?

Enrique Andrade: Sem dúvidas que o fazer artístico do meu irmão, Edson Andrade, e da minha vó, Cosma, foram/são de suma importância. Não me vejo como sou, enquanto artista, sem estas duas pessoas. As contribuições dos tapetes da minha vó ficam claras em

alguns trabalhos que envolvem colagem e costura, contudo, no meu processo criativo não percebia estas contribuições inicialmente, o exercício de perceber como minhas lembranças estão presentes no meu trabalho foram fundamentais para isto.

Outra figura foi um divisor de momentos em meu processo de descoberta enquanto artista, Wilton de Souza, artista plástico modernista, que integrou a Sociedade de Arte Moderna do Recife e do Ateliê Coletivo. Tive a oportunidade de trabalhar junto com seu Wilton quando fui estagiário do MAMAM (Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães), entre as conversas, debates e momentos em que pude lhe ver desenhando, fui formando muito da minha identidade. O grande e reconhecido artista é mestre da humildade, sempre se colocou lado a lado e incentivou meu trabalho.

Não poderia esquecer do MAMAM, do curso de Licenciatura História da Universidade de Pernambuco (UPE) e o contato com Taysa Carvalho, também jovem artista pernambucana. Sem este coletivo de pessoas meu fazer não seria o mesmo, enquanto ao encontrar uma linguagem minha, prefiro pensar que isto é algo infinito, uma busca que irá perdurar e encantar meus dias. Minha identidade artista é um misto, onde clássico, moderno e contemporâneo são postos em um liquidificador sem tampa, fazendo transbordar por todos os lados agonia e encanto. Sou sujeito do tempo, como tal meu processo faz e é feito por ele.

VGP: Além de dedicar parte do seu tempo à conclusão de um curso de licenciatura em história e às atividades de docência na mesma disciplina você também está atuando na militância política e em trabalhos de curadoria do MAMAM. Como você percebe esse diálogo produtivo? Tantas atividades prejudicam ou favorecem sua construção artística?

Enrique Andrade: Antes de mais nada, acredito que meu trabalho, enquanto fui estagiário no MAMAM esteve muito mais ligado a documentação e a reserva técnica, a curadoria sem dúvidas apareceu em minha vida lá também, mas se restringe a uma exposição coletiva, de obras do acervo, feita em conjunto com outros/as estagiários/as. O que posso dizer é que sem a vida que levo, meu fazer artístico seria outro, arte e vida estão juntas e inseparáveis para mim.

Minha vida é uma confusão, isto é claro e não me assusta. O misto de fazeres é um desafio que tento dar conta, trabalhar, ser filiado ao Psol, ser poeta, produzir arte, estudar arte em um instituto federal (IFPE) e está em processo de conclusão do curso de História é uma maluquice que nem eu entendo, nem pretendo entender.

Obviamente que um emprego formal impossibilita muito do meu processo de criação, mas sem ele, custear os materiais necessários para minhas obras seria difícil. Não estou sozinho enquanto jovem artista nesta situação, muitos de meus amigos e amigas se dividem entre estudos, trabalho formal e produção artística, que por vezes não é compreendida como trabalho. Muito nos falta para avançarmos em qualidade de vida para artistas brasileiros/as, ser artista, pior ainda, jovem artista, é como assinar um contrato com a miséria. Para isso é necessário retomarmos os avanços na área da cultura, aos editais e a liberdade de expressão, que tão ferida, também fere, inclusive fisicamente, a integridade do fazer artístico livre.

VGP: Na Exposição Gritos (2018), sediada na UPE Campus Mata Norte em parceria com a Bienal da UNE e curadoria de Alef Pierry, você apresenta uma imersão de sociedade barulhenta e ruidosa onde o diálogo parece inexistir, abandonando sua prática cotidiana que dá lugar enquanto peça de antiquário. Como se desenvolveu esse processo de criação?

Enrique Andrade: Falar nesta exposição é falar em incômodo. Sou jovem, camaragibense, pernambucano, pobre e de esquerda, não consigo não estar imerso no desconforto, apesar de todos os meus privilégios. Estar no mundo e não estar desconfortável é um sinal de opressão, pode aparentar que estou sendo radical, palavra constantemente utilizada atualmente, mas ver alguém que sofre e calar é ser conivente com o sofrimento. E quando rompemos a linha da dignidade humana, já não se pode mais saber o que nos espera, se não o pior. É isto que vivemos hoje no Brasil, em especial em toda a América Latina e no Mundo. Ser artista e não denunciar isto é colaborar para um projeto anti-humano, um projeto de poder catastrófico. Quando pensei no nome “Gritos”, pensei no grito como maneira de expor o que me incomodava, o que colabora para as opressões e

distanciamento da coletividade, o que distanciava as pessoas, as tornando hiperconectados e tão distantes ao mesmo tempo. É o grito, como vômito, que une todos os trabalhos em exposição.

VGP: Uma de suas obras, a “Senhor do Bonfim (2018)”, é composta por uma lata de refrigerante e uma fita tradicional baiana. É impossível negar tanta referência oriunda do cristianismo em suas obras, independente do suporte ou técnica escolhida. Qual a importância da religiosidade em sua produção?

Enrique Andrade: Fui Católico Conservador e Praticante por muito tempo, contudo, descobri no cotidiano da minha comunidade que o que tinha aprendido pouco tinha haver com a grandiosidade dos divinos, das religiosidades, da figura de Cristo. Os esfomeados me apresentaram um Cristo esquecido pelas Igrejas Institucionalizadas, preocupadas mais com suas verdades do que com o desenvolvimento integral humano. Aí foi questão de tempo para encontrar teólogos e teologias, como a da Libertação, que me propusessem novos caminhos. Hoje não tenho mais religião, me considero espiritualista, acreditando que as religiões e espiritualidades podem conviver em harmonia e colaborar, tão quanto a arte, para a libertação integral dos sujeitos. Neste sentido, seria impossível que a religião não estivesse presente e gritante em meu trabalho, o que não quer dizer que ele se apresente como exclusivamente devocional ou exclusivamente contestatório. Ele é o que é, é meu trabalho e isso já diz muito. Quando coloco uma lata de refrigerante, famoso no Estado do Maranhão, que tem o nome da figura central do cristianismo, com uma fita devocional amarrada, quero incomodar, é sem dúvida um processo de crítica para aquilo que erguemos e adoramos, como o dinheiro, o poder a miséria do outro e da outra e nós mesmos.

VGP: Ainda na Bienal da UNE, na UPE Campus Mata Norte, você foi resistente em permitir o registro fílmico da performance “*Deus criou as águas no primeiro dia, em 12 mil anos os seres humanos destruíram*”? A efemeridade da performance é algo que lhe interessa?

Enrique Andrade: A efemeridade da vida me interessa. Não fui resistente a filmagem, sendo bem sincero nem me preocupei com ela, estava performando pela primeira vez e tinha meus receios. Contudo, ao iniciar a performance, senti como se estivesse só, o tempo passou de outra maneira, maneira que não consigo descrever aqui em palavras. Performar foi fazer uma liturgia, arriscada sem dúvida, arte e risco andam juntos. Performar foi me reencontrar, foi, num universo e espaço não pronto para ver meu corpo gordo quase nu, um fazer prazeroso e místico. Ao terminar tinha pouca para falar, muito mais para sentir e perceber, perceber o que tinha causado na cabeça da cada pessoa que visualizava. Isto se repete até hoje no decorrer de outras performances, tal como o corpo que sente toda energia e pressão no outro dia, é como que sinta muitas dores e não consiga trabalhar.

VGP: Me questiono sobre a escolha de suportes para a construção das obras expostas em Gritos. Caixas de fósforos, câmeras analógicas, canos, madeiras, pregos, linhas, fios, vigas de aço, cascas de plantas. Essas obras ficaram expostas numa universidade pública onde existem aproximadamente dez cursos de formação de professores. Há alguma intenção nessa seleção de suporte?

Enrique Andrade: Primeiramente não, não fui eu que escolhi os suportes, eles que se apresentaram, comunicaram que precisavam ter outra narrativa a mais que o cotidianamente nós damos para eles. Meu trabalho é visceral, quando olho para algo e penso no processo de criação, quero logo fazer. Por vezes não me preocupo com o resto do material necessário, vou buscando coisas ao redor, quando não encontro, utilizo o próprio corpo como instrumento, não poucas vezes me arranhei na produção artística. Tudo tem potencialidade para virar arte, basta que assim olhemos. Confesso que os suportes incomodaram muitas pessoas, isso ficou claro nos comentários de corredor e nas expressões, a clássica pergunta: “isto é arte?”.

VGP: Há pouco tempo constava em suas descrições o termo “artista sem galeria”. Jovens artistas negros e periféricos, a exemplo de Samuel de Saboia, ganharam espaços além daqueles que lhes foram negados pelo *milieu* local. Como você percebe a produção crítica no estado de Pernambuco?

Enrique Andrade: Viver é sempre processo. Estou sem galeria e acredito que irei permanecer, como a maioria dos jovens artistas, por um bom tempo. Isso em si já aponta muitas questões que devem ser tratadas socialmente, como o mercado das artes, os empregos que são gerados e como o campo da arte tem recebido os jovens, de maneira principal as jovens artistas pobres. Não nascer numa família do campo da arte conceituada e já dita como arte, seja pelas instituições, seja pelos curadores, é um desafio. Antes de mais nada, se dizer um artista é um desafio, se dizer um artista, sendo pobre, é um desafio ainda maior. Historicamente a arte foi legada aos ricos e o artesanato aos pobres, a própria palavra arte já carrega um peso em si, um peso por vezes excludente. Ocupar os espaços é uma luta, mas também um dever, estar sem galeria formal é pensar quais outros espaços podem ser espaços para o desenvolvimento criativo e a possibilidade de viver daquilo que se produz. Minha realidade hoje é que tenho um emprego formal para sustentar meu outro emprego: artista. E como você lembrou, artista sem galeria. Contudo, sei que não estou só, em Pernambuco somos muitos e muitas, permaneceremos de pé, resistiremos.

VGP: Na exposição Gritos (2018) você menciona o Zygmunt Bauman e o Alef Pierre parece ocultar qualquer citação ao autor nos encartes e materiais gráficos que foram distribuídos sobre a exposição. Em Liberdade de Expressão (2018) você também traz uma câmera digital ensanguentada, como se novamente retornasse às experiências de sociedade líquida do Bauman. É possível fugir dessa liquidez pós-modernista e da hiper-história conceituada pelo Luciano Floridi?

Enrique Andrade: Estamos no tempo em que estamos. Todos e todas somos formados por nossos interesses, não existe nada de errado nisso, é nosso dever, enquanto sujeitos do nosso tempo, julgar quais interesses nos cabem e respeitam as individualidades e coletividades. Somos seres subjetivos, a arte é uma das grandes provas desta realidade, não precisamos só do que consideramos básico para viver: ar, alimento, água... Precisamos de arte. Esta é uma questão da pós modernidade, ou modernidade tardia. As relações estão cada vez mais efêmeras e menos profundas, cada vez mais próximos e menos íntimos e aptos ao toque físico e mental. Em um trabalho da Equipe Bruscky e Santiago é possível

ler “A arte é a última esperança”, eu acredito nisso, a arte é nossa esperança e a nossa maneira mais humana de sermos humanos. Para tempos em que o contato em intenso e as relações rápidas, apostar na arte é quebrar toda esta lógica.

VGP: Não posso comentar nada sobre sua instalação Arqueologia Existencial da Memória, trabalho mais recente exposto em 2019 no mesmo campus da Universidade de Pernambuco, porque não consegui visitá-la em tempo. Existe algum diálogo entre a instalação e as raízes indígenas de sua família? Sei que este é um dos temas que interessam suas pesquisas atualmente.

Enrique Andrade: Sim, existe! A maior parte do meu trabalho traz uma reflexão sobre a compreensão do termo memória, compreendida de maneira equívoca como lembrança. A memória é um grande jogo, onde lembrar e esquecer estão juntos, nesta instalação trago a ideia de um campo arqueológico, onde a escavação permite ver personagens de livros História do Ensino Médio. A instalação termina por ser um convite a mim mesmo e a quem assim se permitir, a escavarmos nossas memórias individuais e coletivas, percebendo os possíveis motivos de lembrarmos-nos do que lembramos e esquecermo-nos o que esquecemos. Nada é por acaso, existe um fio condutor que está escondido, é necessário abrir as cortinas e tirar a poeira que esconde tudo que tentaram apagar. Assim é nossa memória no que diz respeito à ancestralidade, no momento tenho buscado por recordações familiares para posteriormente tentar outros meios. Desde que estive com o povo Xukuru do Ororubá algumas questões que estavam silenciadas foram trazidas. A minha mais recente instalação, “Territórios”, é justamente o fechamento deste ciclo iniciado em 2016 com os Xukurus e abertura de um novo ciclo, onde estou mais consciente daquilo que sou, precisando agora percorrer um longo caminho para recuperar os apagamentos, acredito que a arte irá me ajudar neste processo.

VGP: O (pro)[em]blemático Ezra Pond definia os artistas enquanto antenas da raça. Você prefere a fumaça dos povos indígenas originários enquanto meio transmissor ao invés das antenas digitais e das bolhas de conteúdo face às ameaças democráticas que vivemos atualmente? Quais serão os próximos passos para o artista, professor e poeta?

Enrique Andrade: Eu prefiro ficar com a máxima de Pedro Casaldáliga: “Na dúvida fique ao lado dos pobres”. Eu não poderia estar em outro lado, pois assim me reconheço. Nós, tidos como minorias, na verdade temos muito poder, quando não nos escutam, gritamos, gritamos e sempre gritaremos, não é nossa cara ficarmos calados e caladas. Eu estou com a fumaça que se eleva e me protege, estou com a força dos encantados e dos orixás, estou com a força dos santos e dos espíritos de luz. Estou com aqueles que nos precederam e derramaram seu sangue para estarmos de pé. Utilizarei, mesmo com muita dificuldade, reconheço (risos), inclusive as antenas, aquilo que pudermos utilizar e ocupar para garantirmos a sobrevivência de quem carrega este país e o mundo nas costas. Não são tempos fáceis, vivemos, dentro da democracia, práticas não democráticas que ameaçam os direitos conquistados e que deveriam estar estabelecidos. O atual presidente brasileiro é aquilo que uma democracia nunca deveria deixar frutificar, ele é a imagem simbólica de uma classe média desesperada e esperançosa em ficar rica, que por sua vez protege uma pequena parcela, os verdadeiros ricos do país, sem mesmo ter consciência. Eu espero e luto para que estes tempos se acabem logo, a minha esperança se dá na força da união popular, que se ainda não chegou, um dia chegará. Meu trabalho como artista é acompanhar.

632

VGP: Enrique, mais uma vez agradeço por aceitar esse convite e participar desta entrevista à Revista Mosaico. Meu sincero agradecimento aos colegas do departamento de Artes da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - Campus de Curitiba II - Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Um abraço especial ao André Schimi, egresso da UNESPAR, e ao amigo Christian Barbosa, da UniFIL Londrina, por ter alertado sobre a existência deste egrégio periódico.

Enrique Andrade: Eu agradeço pela oportunidade e boa conversa. Falar sobre arte é trazer esperança e questionar o inquestionável. É dar novos significados, refletir que nada está pronto e acabado. Espero que em outra oportunidade nosso país esteja em dias democráticos, ensolarado de justiça social.

Entrevista recebida em: 04/01/2020
Aceita em: 20/07/2020